

O DISCURSO DE PROFESSORAS DE LÍNGUA PORTUGUESA SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE: UMA LACUNA COM RELAÇÃO AO USO DAS TICS

PAULA, Flávia Motta¹
Universidade Federal de Uberlândia
flavinha_m_paula@yahoo.com.br

RESUMO: Neste artigo, apresentamos a análise de três entrevistas com professoras da rede municipal de ensino de Uberlândia, com o objetivo de investigar e analisar como professoras de Língua Portuguesa representam discursivamente a formação docente em relação ao uso das TICs. Para isso, adotamos os pressupostos da Análise de Discurso Crítica (ADC) (FAIRCLOUGH, 2001,2003). Os resultados mostram, por meio do discurso das professoras, que as novas TICs são proficuas para a educação, porém, alguns fatores impedem a utilização corrente: carga horária de trabalho excessiva, condições estruturais e formação precária.

PALAVRAS-CHAVE: formação docente; análise de discurso crítica; mídia; TICs.

1. Introdução

Este trabalho é fruto das primeiras experiências como integrante do Grupo de Pesquisa e Estudos em Análise de Discurso Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL/UFU), e das discussões travadas nas diferentes disciplinas do Curso de Letras.

É importante destacar que esta pesquisa faz parte de um projeto maior denominado “Gêneros, discursos e identidades na mídia brasileira”, da professora Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni, docente do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia.

Ao ingressar nesse grupo de pesquisa e observar o diálogo entre a Análise de Discurso Crítica (ADC) e diversas teorias e a proposta da ADC de se partir de um problema social, começamos a pensar em um problema que merecesse nossa atenção como pesquisadoras. Com base nas leituras e discussões feitas nesse grupo e nas diferentes abordagens estudadas ao longo do curso de Letras, escolhemos pesquisar sobre um tema muito importante no mundo contemporâneo: a inserção das tecnologias de informação e comunicação (TICs) na educação. Dentre as tecnologias voltamos nossa atenção para T.V, vídeo/DVD, computador e internet.

Sendo assim, investigamos como a inserção das TICs vem ocorrendo na escolas municipais de Uberlândia. Pesquisamos também como a mídia, importante fonte de formação de opinião, representa a inserção das TICs na educação e como os professores do ensino fundamental de língua portuguesa representam discursivamente essa inserção e os efeitos dessa inserção na constituição identitária desses docentes.

Para isso, trazemos nossas reflexões sobre a integração das TICs na educação, as quais foram traduzidas nas seguintes questões de pesquisa:

a) Como a inserção das TICs na educação é representada discursivamente pela revista Nova Escola?

¹Graduada em Letras, Licenciatura Português/Inglês, pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFU. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

b) Os professores de Língua Portuguesa de escolas públicas equipadas com as TICs utilizam-nas em suas aulas? Se afirmativo, como e por que as utilizam? Se negativo, por que não as utilizam?

c) Como esses professores representam discursivamente a inserção das TICs na educação?

A essas questões, correspondem os objetivos desta investigação.

O objetivo geral é investigar e discutir a representação discursiva da inserção das TICs na educação, construída pela revista Nova Escola e no discurso de professores da Língua Portuguesa de escolas da rede pública que dispõem das tecnologias de informação e comunicação.

Centramo-nos, neste recorte, na análise de como os professores de Língua Portuguesa representam discursivamente a formação docente em relação ao uso das TICs.

Metodologicamente, este estudo é de cunho investigativo e se insere no campo da pesquisa qualitativa, por acreditarmos que a condução nesse campo metodológico possibilita ao pesquisador construir uma visão global e articulada do objeto investigado e sua relação com os aspectos socioculturais, políticos e econômicos.

No processo de coleta de dados, o instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada, pois podemos ter uma visão mais ampla das experiências sociais e culturais e das visões de mundo das entrevistadas. Além disso, a interação permite o aprofundamento de questões levantas em outros momentos da pesquisa.

Para realização das entrevistas, primeiramente, foram selecionadas duas escolas municipais, as quais estão inseridas em um projeto da Prefeitura Municipal, conhecido como “Digitando o futuro”, implantando em 1995, o qual previa que todas as escolas municipais estariam equipadas com computadores e internet com banda larga até 2010.

Depois dessa seleção, estabelecemos um contato com a direção das instituições, quando apresentamos nosso projeto e solicitamos autorização para conhecimento dos espaços das escolas e para contato com os professores.

Para a seleção dos entrevistados, seguimos os seguintes critérios: a) lecionar há pelo menos 02 anos na mesma escola; b) trabalhar com a Língua Portuguesa no ensino fundamental; c) aceitar participar da pesquisa.

Dessa forma, participaram deste estudo um total de três professoras, sendo uma da E1 e duas da E2. As professoras, em encontros individuais, tiveram conhecimento da pesquisa. Posteriormente, lemos o termo de consentimento livre esclarecido, o qual foi devidamente assinado. Em todos os momentos, foi esclarecido às docentes que nenhum sujeito seria identificado.

As entrevistas foram realizadas nas escolas onde as professoras trabalham e foram gravadas em áudio. É importante destacar que a escolha do local para entrevista foi feita pelas próprias docentes. Essas entrevistas foram transcritas sem preocupações com falas sobrepostas, entonações, silêncios, etc., porque o que nos interessava era apenas o conteúdo informacional

2. A Análise de Discurso Crítica

A Análise de Discurso Crítica (ADC) é uma ciência que tem como objeto de estudo o social e se volta para a análise das relações dialéticas entre o discurso (incluindo a linguagem verbal e as outras formas de semiose) e outros elementos das práticas sociais (ação e interação, relações sociais, pessoas com crenças, atitudes, histórias etc., o mundo material). Preocupa-se com as mudanças radicais que estão ocorrendo na vida social contemporânea, com o modo como o discurso figura dentro dos processos de mudança e com as transformações na relação entre o discurso/semiose e outros elementos sociais dentro das redes de práticas (OTTONI, 2007).

O conceito de discurso utilizado nesta pesquisa parte da proposta de Fairclough (2001, p. 91), cuja explicação cabe registrar:

Ao usar o termo ‘discurso’, proponho considerar o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis institucionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação (...) Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira.

A ADC propõe um diálogo entre a Ciência Social Crítica e a Linguística, especificamente a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Fairclough (2003) associa a ideia de multifuncionalidade dos textos à distinção entre gêneros, discursos e estilos e aos três modos principais pelos quais o discurso figura como uma parte da prática social: modos de agir, modos de representar, modos de ser. O autor propõe três tipos de significados: o significado acional, o significado representacional e o significado identificacional, os quais estão co-presentes nos textos como acontece com as macrofunções apresentadas por Halliday (1994, 1997) e por Halliday e Hasan (1989).

Fairclough (2003) relaciona o significado acional a gêneros/modos de agir e à função interpessoal de Halliday (1994, 1997). O significado representacional relaciona-se ao conceito de discurso como modo de representação de aspectos do mundo, correspondente à função ideacional. Já o significado identificacional é relacionado aos estilos/modos de ser, “estilos constituem o aspecto discursivo de identidades, ou seja, relacionam-se à identificação de atores sociais em textos” (RESENDE & RAMALHO, 2006, p. 76).

Como em nosso estudo não utilizamos categorias referentes ao significado acional, abordaremos apenas os conceitos relativos ao significado representacional e identificacional.

Fairclough (2003) relaciona significado representacional ao conceito de discurso como representação de diferentes aspectos do mundo. O autor nos mostra que diferentes discursos constroem diferentes maneiras de se representar diferentes perspectivas mundo.

Segundo ele, um texto pode misturar diferentes discursos, os quais podem se complementar, podem cooperar uns com os outros, competir uns com os outros, dominar os outros. Assim, são estabelecidas relações dialógicas e/ou polêmicas pelos textos entre seus ‘próprios’ discursos e os discursos dos outros (FAIRCLOUGH, 2003, p. 128).

A identificação desses discursos articulados e da forma como são articulados em um texto constitui a *análise interdiscursiva* de um texto. A interdiscursividade² diz respeito à heterogeneidade de um texto em termos da articulação de diferentes discursos. Ela é uma das categorias de análise do significado representacional utilizadas nesta pesquisa.

De acordo com Fairclough (2003), os discursos são caracterizados e diferenciados não só pelo vocabulário e pelas relações semânticas e pressuposições, mas também pelos traços gramaticais. Eles diferem em como os elementos dos eventos sociais (processos, pessoas, objetos, meios, tempo, espaço) são representados e tais diferenças podem ser gramaticais e lexicais (vocabulário). O mais evidente dos traços distintivos de um discurso é o vocabulário, pois os discursos ‘lexicalizam’ o mundo de maneiras diferentes (FAIRCLOUGH, 2003, p. 129).

² Em Fairclough (2001) e também no glossário presente na obra de 2003, a interdiscursividade também é relacionada à articulação de outros elementos de ordens de discurso, como os gêneros e estilos. Porém, nesta pesquisa, ela será examinada apenas com relação à articulação de diferentes discursos.

A análise interdiscursiva é profícua para esta pesquisa, pois nos possibilitará investigar quais discursos se articulam na composição do discurso da mídia impressa, especificamente da revista Nova Escola. Da mesma forma, a análise do vocabulário utilizado permitirá identificar como essa inserção é representada discursivamente nessa mídia.

Quanto ao significado identificacional, Fairclough (2003) relaciona-o diretamente ao conceito de estilo, que corresponde ao aspecto discursivo das identidades, dos modos de ser. Ele considera que o que as pessoas colocam nos textos é um importante indício de como se autoidentificam na ‘texturização’ das identidades. O autor afirma que as identidades, tanto social, como pessoal, acontecem por meio de diferentes traços linguísticos: “fonológico (pronúncia, entonação, ritmo), vocabulário e metáfora e por meio da interação entre a linguagem verbal e corporal (expressão facial, gestos, postura, estilo de roupa e cabelo)” (OTTONI, 2007, p. 50). Além desses traços linguísticos, existem duas categorias relacionadas ao significado identificacional que são úteis especialmente para a análise a que nos propomos realizar: a avaliação e a modalidade.

A avaliação e a modalidade fazem parte das questões de análise textual, ligadas à função interpessoal, que Fairclough (2003) relaciona ao significado identificacional. A modalidade e a avaliação, segundo este autor, dizem respeito a como os autores se comprometem com eles mesmos em relação ao que é 'verdade' e ao que é necessário (modalidade) e, ainda, em relação ao que é desejável ou não, bom ou ruim (avaliação).

As duas são vistas em termos do comprometimento dos autores com o que é dito no texto, da sua avaliação sobre a validade ou verdade do que é declarado (modalidade), das atitudes, emoções, valores e julgamentos expressos, como ser desejável ou indesejável.

Portanto, para este estudo, destacaremos os significados representacional e identificacional da proposta de Fairclough (2003), mas é importante ressaltar que os significados acional, representacional e identificacional aparecem interligados, assim, “a distinção entre os três aspectos do significado é analítica, mas não exclui a fluidez e a internalização entre eles” (RESENDE, 2005, p. 40).

3. A inserção das novas TICs na educação

O Ministério da Educação tem apresentado diversas propostas para promover a inclusão digital na rede pública de ensino, como o Proinfo – Programa Nacional de Informática na Educação, UCA – Um computador por Aluno, TV Escola – um canal de televisão do MEC que capacita, aperfeiçoa e atualiza educadores da rede pública, Mídias na Educação – programa que visa proporcionar formação continuada para uso pedagógico das diferentes TICs. Da mesma forma, os Parâmetros Curriculares Nacionais, tanto do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio, argumentam em favor da educação das crianças e jovens para a recepção dos meios de informação e comunicação.

Uma das características dos PCN apresentada na Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998a, p. 11) é: “apontar a necessidade do desenvolvimento de trabalhos que contemplem o uso das tecnologias da comunicação e da informação, para que todos, alunos e professores, possam delas se apropriar e participar, bem como criticá-las e/ou delas usufruir”.

Nesse mesmo documento, uma parte é destinada ao tratamento das novas TICs, na qual é feita uma análise sobre o uso dessas tecnologias. Igualmente, nos PCN do Ensino Fundamental (BRASIL, 1998b), há um item destinado à abordagem das “Tecnologias da Informação e Língua Portuguesa”, no qual são tecidas considerações sobre o uso do computador, CD-Rom, multimídia e hipertexto, o rádio, a televisão e o vídeo no desenvolvimento do trabalho de leitura e produção de textos.

Nesses diferentes documentos oficiais do Ministério da Educação, assim como nas propostas para promoção da inclusão digital, são apresentadas inúmeras vantagens decorrentes da utilização das novas TICs na educação, como: “gerar situações de aprendizagem com maior qualidade, ou seja, para criar ambientes de aprendizagem em que a problematização, a atividade reflexiva, atitude crítica, capacidade decisória e a autonomia sejam privilegiados” (BRASIL, 1998a, p. 141). Porém, nesses mesmos documentos, são também elencados diferentes fatores que contribuem para que a potencialidade das novas TICs ainda não seja reconhecida por muitos da comunidade nacional de educadores. Dentre eles, citamos: pouco conhecimento e domínio, por parte dos professores, para utilizar os recursos tecnológicos; ausência de equipamentos em muitas escolas; falta de condições para utilização dos equipamentos disponíveis e insuficiência de recursos financeiros para manutenção de equipamentos e para capacitação dos professores (BRASIL, 1998a, p. 142).

O Ministério da Educação, já em 1998, explicitava a necessidade de mudar essa realidade em curto espaço de tempo, em virtude da necessidade de a escola acompanhar os processos de transformação da sociedade, atendendo às novas demandas. E, com a publicação das propostas governamentais, cada vez mais se tem afirmado a necessidade e a relevância de se utilizar as novas TICs nos diferentes níveis de ensino e, cada vez mais, o professor de Língua Portuguesa e das outras áreas do conhecimento é “convidado” a inserir essas novas tecnologias na sua prática pedagógica.

A autora Belloni (2001, p. 10) propõe um objetivo fundamental para o estudo da inserção das novas TICs na educação, cujo comentário cabe registrar:

A escola deve integrar as tecnologias de informação e comunicação porque elas já estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social, cabendo à escola, especialmente à escola pública, atuar no sentido de compensar as terríveis desigualdades sociais e regionais que o acesso desigual a estas máquinas está gerando.

Já existem várias pesquisas que apontam a importância da inserção das novas TICs na educação e de que maneira essa integração deve ocorrer. Cox (2003) destaca 04 pontos fundamentais para que ocorra uma inserção mais adequada e eficaz das novas TICs na educação: “sensibilizar os agentes escolares; preparar o professor; equipar a escola; e, ajustar o funcionamento das atividades escolares”.

De acordo com Martins (2007), a utilização das novas TICs deve ser feita de maneira contextualizada, com atividades que façam parte da realidade dos discentes e que lhes permitam sentir-se partícipes do processo de ensino-aprendizagem:

Além dos recursos materiais e tecnológicos, a proposição de atividades deve buscar relacionar o que é ensinado na escola com as atuações dos alunos em determinados contextos. As atividades propostas devem desencadear situações que permitam a investigação, o estabelecimento e o compartilhamento de idéias entre o grupo, deixando vir à tona seus cotidianos e suas impressões sobre o mundo. (MARTINS, 2007, p. 1).

Diante desse cenário em constantes transformações, a escola é uma instituição onde todos os aspectos da sociedade são refletidos e, portanto, a escola também deve estar atenta à inserção das novas TICs, procurando integrá-las de forma criativa e profícua, de modo que professores e alunos se sintam aptos a utilizar essas novas ferramentas e a se beneficiar delas.

4. Análise do discurso das professoras sobre a formação docente

Conforme feito nas análises das reportagens, as entrevistas são analisadas de acordo com algumas categorias da Análise de Discurso Crítica. Para isso, tomamos como base dois dos três tipos de significados apresentados por Fairclough (2003): o significado representacional e o significado identificacional. O primeiro relaciona-se com o conceito de discurso como modo de representação de aspectos do mundo, e o segundo, ao modo de ser, correspondente ao aspecto discursivo das identidades.

Esse recorte dos significados foi feito em função de objetivarmos investigar como as professoras representam discursivamente a inserção das TICs na educação e os efeitos dessa inserção na constituição identitária dessas docentes.

Com relação ao significado representacional, focaremos na análise do vocabulário e, no que diz respeito ao significado identificacional, na avaliação. Acreditamos que, por meio da análise do vocabulário utilizado pelas professoras nas entrevistas e por meio da análise dos recursos linguísticos usados para a avaliação, conseguiremos atingir nossos objetivos. Acreditamos, ainda, que as categorias dos dois significados estão inter-relacionadas, uma vez que há uma relação dialética entre eles.

Um fator relevante que foi observado ao longo das três entrevistas é a questão da formação dos professores, a qual está diretamente ligada ao não uso ou ao pouco uso das TICs na educação. A ausência de preparo na graduação reflete-se claramente nas práticas dentro de sala de aula.

As três professoras se formaram na Universidade Federal de Uberlândia e elas apontam que, durante a graduação, não tiveram nenhuma disciplina que as incentivasse ou que ao menos as ensinasse a utilizar as tecnologias da informação e da comunicação e a associá-las aos diferentes conteúdos. Elas afirmam que eram utilizadas tecnologias pelos professores universitários, mas nunca tiveram nenhum esclarecimento sobre como poderiam usá-las nas escolas de educação básica, como dizem P2 e P3:

(17) Pesquisadora: Quando a senhora fez a graduação, a senhora se lembra se teve alguma disciplina voltada ou que incentivava a utilização das tecnologias na sala de aula?

P2: Não, não tinha nada. Os professores trabalhavam sim com alguma tecnologia, mas matéria voltada para isso não tinha.

(18) Pesquisadora: A senhora se lembra, na época da graduação, se tinha alguma disciplina que incentivava o uso dessas novas tecnologias na escola ou nenhuma?

P3: Nenhuma. Nem como lidar com o aluno mesmo na sala de aula, nada. Só teoria, teoria, teoria.

Na fala de P1, reproduzida a seguir, ela afirma que no curso de Letras havia algumas disciplinas que ajudavam o aluno a trabalhar com as TICs, especialmente as de línguas estrangeiras. Durante as aulas dessas disciplinas, os alunos usavam as TICs para prepararem suas apresentações de trabalhos:

(16) Pesquisadora: Quando a senhora fez a graduação, a senhora se lembra se teve alguma disciplina que ajudava a como trabalhar com essas novas tecnologias?

P1: Tinham algumas, por exemplo, a de idiomas mesmo. Nós conseguimos DVD, os vídeos para as músicas ou mesmo para as nossas apresentações. (...) Isso, mais na língua estrangeira. Às vezes, quando tinha alguma coisa de Literatura, seminários, a gente também utilizava desses recursos.

Contudo, é importante destacar, que essas práticas não constituem um investimento real na formação dos professores voltada para um trabalho com as TICs. Para isso, talvez

fosse importante haver uma disciplina direcionada para como usar essas tecnologias a serviço dos conteúdos e de forma integrada a eles.

P1 afirma que as TICs eram utilizadas para apresentação de trabalhos na própria universidade, mas não era ensinado como utilizá-las na prática. Já P2 e P3 são categóricas, “Não, não tinha nada”, “Nenhuma”. Assim, percebemos que não somente o cotidiano escolar precisa ser repensado, mas também as Universidades precisam se adequar para preparar futuros professores para um mundo cada vez mais dominado pelas máquinas. É necessário que os currículos sejam modificados para que possam abarcar esses novos temas, buscando preparar o futuro professor para lidar com as TICs.

Portanto, não adianta ter somente equipamentos nas escolas, é necessário que haja uma capacitação efetiva dos professores para lidar de maneira eficaz com as TICs e essa capacitação deve começar nos cursos de licenciatura.

Além da falta de preparo para lidar com as novas tecnologias, P3 aponta outros problemas evidenciados em sua formação durante a graduação:

(18) Pesquisadora: A senhora se lembra, na época da graduação, se tinha alguma disciplina que incentivava o uso dessas novas tecnologias na escola ou nenhuma?

P3: Nenhuma. Nem como lidar com o aluno mesmo na sala de aula, nada. Só teoria, teoria, teoria. Só no didático mesmo, no pedagógico mesmo a gente era instruído. Mais nada. Inclusive as práticas nossas eram horrorosas, porque nós éramos inseridos dentro de uma sala de aula, numa escola que a gente nunca tinha ido. Tinha que participar no mínimo 30 dias naquela sala de aula e depois, ainda dar aula tendo a diretora, a professora da faculdade, mais a professora da sala, pra tá te avaliando. Dizendo que a nossa professora da prática não sabia se a sala era boa ou não, se os alunos estavam naquele dia numa boa disciplina ou não, porque às vezes, era uma sala capetosa, a gente não conseguia uma disciplina, a gente ficava desvalorizado né, e éramos avaliados dessa forma. Inclusive na minha época, a gente tinha que fazer português e outra língua, inclusive tínhamos que fazer prática de português, literatura e do inglês ou do francês, e no 1º e 2º grau. Então era uma coisa muito chata, cansativa, improdutiva, que eu quando me formei por causa dessas práticas eu falei: eu nunca mais dou uma aula na frente de ninguém, entendeu? Tanto que eu tirei da minha cabeça ESEBA, por exemplo. Minhas colegas logo que formando, ah vamos fazer, eu falei nunca mais ou dar aula na frente de ninguém. Porque foi muito exaustivo.

De acordo com P3, havia um excesso de teoria e a prática era insuficiente e ineficaz. Ela afirma que durante a graduação havia um grande acúmulo de teoria e que somente no último período os alunos vivenciavam a prática dentro de sala de aula, o que ocasionava medo e insegurança. A presença da professora da universidade e da professora da própria escola dificultava o bom rendimento, já que o tempo todo P3 era avaliada.

Sendo assim, não somente o ensino do uso das TICs deve ser inserido no currículo do curso de Letras, como todo o currículo precisa ser repensado, especialmente no que diz respeito à prática do docente.

Para que ocorra uma inserção mais adequada e eficaz das TICs na educação, Cox (2003) destaca 04 pontos fundamentais: “sensibilizar os agentes escolares; preparar o professor; equipar a escola; e, ajustar o funcionamento das atividades escolares”. Porém, o que percebemos ao longo das três entrevistas é que essa inserção tem ocorrido de forma imprópria, pois as novas ferramentas já foram instaladas, mas os professores ainda não se sentem confiantes para trabalhar com elas. Não há sensibilização dos professores, preocupação se esse professor está apto a trabalhar com as novas ferramentas, ou se, ao menos, ele terá tempo para elaborar aulas diferenciadas com o uso das TICs e não há ajuste do funcionamento das atividades escolares.

Assim, notamos que essa inserção tem ocorrido de forma ineficaz. Os professores, devido aos inúmeros desafios diários, acabam deixando de utilizar as TICs, mostrando que a proposta do programa “Digitando o Futuro” de promover a “inclusão social, via inclusão

digital” e o que é defendido pela revista Nova Escola “integração das TICs na educação” ainda não são praticados nas escolas

CONCLUSÕES

Este estudo teve como propósito investigar e discutir a representação discursiva da inserção das tecnologias de informação e comunicação na educação, construída pela revista Nova Escola e no discurso de professores da Língua Portuguesa de escolas da rede pública que dispõem TICs.

Ao lado desse objetivo geral, outros questionamentos foram suscitados neste estudo. Nesse sentido, perguntávamos, se professores de Língua Portuguesa do 3º ciclo do Ensino Fundamental de escolas da rede pública equipadas com as TICs utilizam-nas, como e por quê? E os efeitos dessa inserção na constituição identitária desses docentes.

Para tanto, com o intuito de esclarecer aos questionamentos e objetivos colocados, fez-se necessário no capítulo I articular um campo teórico no qual se inserem, especialmente, a Análise de Discurso Crítica, a Linguística Sistêmico-Funcional e os estudos e teorias das tecnologias de informação e comunicação.

No capítulo II, apresentamos as análises em consonância com a ADC. Primeiramente, são trazidas as análises das reportagens da revista Nova Escola, destacando que a mídia é um importante meio de formação de opinião. Já no item 2.2, trazemos as análises da representação discursiva das professoras de Língua Portuguesa sobre a inserção das TICs na educação e também os efeitos dessa inserção na constituição identitária das docentes.

Pela análise do discurso das docentes, identificamos alguns aspectos importantes, os quais listamos a seguir: a) as TICs ou são pouco utilizadas ou não são utilizadas; b) muitas escolas ainda não estão preparadas para que todos os alunos tenham acesso aos computadores; c) alguns professores acham difícil usar um computador; d) muitas escolas possuem apenas um laboratório para atender todas as turmas; e) a indisciplina, o fato de os pais não se preocuparem com o rendimento escolar dos filhos e com a educação destes, a superlotação das salas, a falta de estrutura física das escolas e de capacitação dos docentes impedem, muitas vezes, que o professor utilize as TICs.

Quando questionamos as docentes sobre o porquê de usarem ou não as tecnologias disponíveis na escola, observamos respostas bem distintas. P1, por exemplo, mostra que utiliza as TICs porque entende que os alunos gostam delas, que elas fazem parte da realidade deles e que a integração das TICs aos conteúdos de Língua Portuguesa auxilia no desenvolvimento dos alunos, pois ela mesmo aponta que eles se “empenham mais” quando estão no laboratório e que a inserção das TICs “ajuda”.

Outro fator relevante que foi observado ao longo das três entrevistas é a questão da formação dos professores, a qual acreditamos que está diretamente ligada ao não uso ou ao pouco uso das TICs na educação. Na nossa opinião, a ausência de preparo na graduação reflete-se claramente nas práticas dentro de sala de aula.

As três professoras se formaram na Universidade Federal de Uberlândia e elas apontam que, durante a graduação, não tiveram nenhuma disciplina que as incentivasse ou que ao menos as ensinasse a utilizar as tecnologias da informação e da comunicação e a associá-las aos diferentes conteúdos. Elas afirmam que eram utilizadas tecnologias pelos professores universitários, mas nunca tiveram nenhum esclarecimento sobre como poderiam usá-las nas escolas de educação básica.

Assim, percebemos que não somente o cotidiano escolar precisa ser repensado, mas também as universidades precisam se adequar para preparar futuros professores para um mundo cada vez mais dominado pelas máquinas. É necessário que os currículos sejam modificados para que possam abarcar esses novos temas, buscando preparar o futuro professor para lidar com as TICs.

Portanto, não adianta ter somente equipamentos nas escolas, é necessário que haja uma capacitação efetiva dos professores para lidar de maneira eficaz com as TICs e essa capacitação deve começar nos cursos de licenciatura.

Enfim, é possível notar que, apesar das diferentes propostas governamentais existentes e da representação positiva da inserção das TICs na educação, construída na e pela revista Nova Escola, as escolas ainda não estão preparadas para um uso profícuo das TICs, pois faltam, aos professores, capacitação, tempo para preparação de aulas, remuneração adequada e motivação. Falta ainda, em algumas escolas, estrutura adequada para atender às necessidades dos professores e dos alunos, no que diz respeito ao uso dessas tecnologias integradas aos conteúdos. Esses fatores são determinantes para que as TICs sejam colocadas em segundo plano ou nem sejam utilizadas.

Dessa forma, tem-se uma representação de um ideal - construído nos documentos oficiais e na revista analisada -, ainda muito distante do real - construído no discurso das entrevistadas. Acreditamos que, para aproximar os dois pólos, é preciso, em primeiro lugar, repensar a formação de professores, valorizar a educação e os profissionais da educação em nosso país.

6. Referências

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. – (Coleção polêmicas do nosso tempo; 78).

COX, Kenia Kodel. **Informática na Educação Escolar**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003. – (Coleção polêmicas do nosso tempo; 87).

FAIRCLOUGH, N.. **Discurso e mudança social**. Coord. trad., revisão e pref. à ed. bras. de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. Londres e Nova York: Routledge, 2003.

HALLIDAY, M. A. K.. **An introduction to functional grammar**. 2 ed. Londres, Melbourne, Auckland: Edward Arnold, 1994.

_____. Language in a social perspective. In: COUPLAND, N. & JAWORKSY, A. **Sociolinguistics: A reader and course-book**. Nova York: St. Martin's Press, 1997, p. 31-39.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

MARTINSI, Maria Cecília. **Situando o uso da mídia em contextos educacionais**. Programa de formação continuada em mídias na educação. Disponível em: <<http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/index6.html>>. Acesso em 11 fev. 2010.

MERCADO, Luís P. Leopoldo. **Integração de mídias nos espaços de aprendizagem**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Versão eletrônica ISSN 0104-1037. Disponível em: <<http://www.emaberto.inep.gov.br>> Acesso em 20 nov 2010.

MONTEIRO. Elis. Nativos digitais já estão dominando o mundo e transformando a forma como o ser humano se comunica. **Jornal O Globo**, São Paulo, 18 maio 2009. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/tecnologia/mat/2009/05/18/nativos-digitais-ja-estao-dominando-mundo-transformando-forma-como-ser-humano-se-comunica-755911408.asp>>. Acesso em 13 jun 2010.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 3a edição, Campinas: Papyrus, 2001.

OTTONI, M. A. R.. **Os gêneros do humor no ensino da Língua Portuguesa: uma abordagem discursiva crítica**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PINHEIRO, Tatiane. **Tecnologia na aula**. Nova Escola, São Paulo, n.228, p. 76-77, dez. 2009.

RESENDE, Viviane Melo & RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

ANEXO I – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

PROFESSORA P1. Entrevista realizada no dia 13/05/2010 às 11:25. Duração: 05:25.

Pesquisadora: Olá professora, bom dia! Há quanto tempo a senhora leciona nesta escola?

P1: Há dois anos.

Pesquisadora: A senhora trabalha com os alunos de 6º ao 9º ano?

P1: É, sim, mas minhas turmas são de 7º ano ou 6ª série.

Pesquisadora: A senhora trabalha exatamente com o Português?

P1: É, com o Português. Para a literatura tem uma outra professora que ministra as aulas.

Pesquisadora: E onde a senhora se formou? A senhora é daqui de Uberlândia mesmo?

P1: Sim. Sou daqui, me formei pela Universidade Federal de Uberlândia.

Pesquisadora: Quando a senhora fez a graduação, a senhora se lembra se teve alguma disciplina que ajudava a como trabalhar com essas novas tecnologias?

P1: Tinham algumas, por exemplo, a de idiomas mesmo. Nós conseguimos DVD, os vídeos para as músicas ou mesmo para as nossas apresentações.

Pesquisadora: Mas era focado mais nas línguas estrangeiras?

P1: Isso, mais na língua estrangeira. Às vezes, quando tinha alguma coisa de Literatura, seminários, a gente também utilizava desses recursos.

Pesquisadora: E nessa escola a senhora tem disponível o material?

P1: Sim, com certeza. Tem até o laboratório de informática, tem vários programas, desde montar tirinhas, né. Tem um programa novo que a gente dá um tema, que é sobre o meio ambiente, que é sobre a copa do mundo, e aí tem as imagens e eles vão construindo. Aí eles podem também utilizar a internet pra pegar alguma imagem que eles queiram ou copiar pra montar a tirinha. Outra coisa também, só que quando eles vão ter acesso a internet já é negado coisas, por exemplo, coisas do tipo erótica. Ele não deixa porque fica tanto a menina responsável pelo laboratório, o

professor e eu também. Aí a gente fica monitorando pra evitar esse tipo de coisa. Porque tratar de adolescente....Eles podem fazer isso também. Coisa imatura, né (risos).

Pesquisadora: E a senhora tem o costume de utilizar, a senhora tem acesso fácil na escola?

P1: É. O único problema é que pelo tamanho da escola, eu acho poderia ter mais computadores, né. Ou senão, outras salas para no mesmo horário duas salas usarem o laboratório. Que aí dava pra dar mais ênfase, né. Eles gostam. Eles gostam. Quando eles vão pra aula de informática, eu acredito que eles se empenham mais.

Pesquisadora: Então assim, a senhora acha que é importante essa inserção?

P1: Sim, com certeza. Isso ajuda, porque faz parte da realidade deles. Então, eu acredito que eles são estudantes virtuais, eles são filhos da internet. Eles são da geração da internet.

Pesquisadora: A senhora tem algum receio de ser substituída pela máquina?

P1: Não. Eu não acredito. Eu acredito assim, que a máquina ajuda bastante. A gente tem que dá uma nivelada. Nunca também só dá aula digitalizada. Mas é muito bom porque primeiro a gente tem que tentar pegar a atenção deles. Tem um documentário que diz que a atenção deles fica presa no máximo por 10 minutos. Então se for 01 hora só de aula expositiva, eles não prestam atenção. Então a gente tem que deixar o que eles gostem tanto nós professores quanto os demais profissionais da escola. E tem determinados tópicos da língua portuguesa que eles não gostam tanto, então, se você não tiver um quadrinho, um desenho, alguma coisa para melhorar aquilo, eles não conseguem aprender o conteúdo.

Pesquisadora: E a senhora disse que tem um profissional que auxilia?

P1: Auxilia, porque ele que vai ser responsável. Por exemplo, eu posso montar a aula, mas já tem várias aulas prontas lá, aí eu só peço pra pessoa um ou dois dias antes, por exemplo: monta uma aula de verbos pra mim para o dia tal, aí tem as aulas, aí as vezes eles sentam em dupla, e nessas aulas normalmente eles não avançam, como se fosse um vídeo game. Eles não avançam se eles ficarem errando. Eles vão tentando por os verbos no passado, presente, até....entendeu?

Pesquisadora: Ah, bem interessante.

Pesquisadora: Bom, professora, muito obrigada pela atenção.

P1: Imagine, foi um prazer.

PROFESSORA P2. Entrevista realizada no dia 19/05/2010 às 10:35. Duração: 04:02.

Pesquisadora: Há quanto tempo a senhora leciona nessa escola?

P2: Nesta escola há 17 anos.

Pesquisadora: A senhora se formou aqui em Uberlândia ou não?

P2: Sim, aqui na UFU.

Pesquisadora: Quando a senhora fez a graduação, a senhora se lembra se teve alguma disciplina voltada ou que incentivava a utilização das tecnologias na sala de aula?

P2: Não, não tinha nada. Os professores trabalhavam sim com alguma tecnologia, mas matéria voltada para isso não tinha.

Pesquisadora: Aqui nessa escola, a senhora tem alguma tecnologia disponível?

P2: Nós temos. Nós temos a sala de multimídia, onde nós temos... Podemos trabalhar com o DVD, podemos trabalhar com...(como que chama aquele aparelho)

Pesquisadora: O Retro-projetor?

P2: Não. Aquele mais atual.

Pesquisadora: O DVD?

P2: Não. Como chama Maria³?

Maria: O Data-show.

P2: O Data-show. Nós temos também a sala de computação, onde os meninos podem trabalhar com a internet, pesquisar.

Pesquisadora: E a senhora tem facilidade de levar os alunos?

P2: Não. Eu particularmente não tenho. Porque eu já fiz várias tentativas de trabalhar com o computador, mas realmente na hora de aplicar eu acho difícil. Então, eu trabalho sim, mas não é constantemente. Já os levei para fazer pesquisa na internet, já levei para fazer pesquisa em sites que eu mesma selecionei. Já levei também para fazer atividades no computador, mas não é constantemente, mesmo porque eles têm que fazer um horário e não dá pra gente tá levando sempre, porque é para toda a escola uma sala só.

Pesquisadora: E a senhora conta com algum profissional no laboratório?

P2: Temos. Temos lá uma pessoa constantemente que auxilia.

Pesquisadora: Ah, sim.

Pesquisadora: E a senhora acha válido, por exemplo, se a senhora tivesse a oportunidade de ter mais sala de laboratório?

P2: Seria excelente. Seria ótimo. Mas pra tudo, nós temos que contar com um fator que é essencial: o tempo de preparação. Nós não podemos levar os alunos pras salas de computadores e deixá-los a vontade. Nós temos que ter um tempo pra preparar essas aulas, mesmo na internet nós não podemos deixar o aluno chegar lá e pesquisar no site que ele quiser, como ele quiser. Tem que ser tudo preparado. E esse tempo infelizmente a gente não tem. Nosso tempo na escola é escasso. Nosso tempo em casa é escasso. A gente dobra, a gente tem dois turnos e a gente não tem tempo de fazer essa preparação. Seria ótimo, mas a gente não tem tempo.

Pesquisadora: É a realidade?

P2: Humm.

Pesquisadora: Então professora, a senhora quer mencionar algo que poderia ser transformado na realidade da escola, existe opção?

P2: Então, a realidade da escola para ser transformado depende de outros fatores que eu sei que não é sua pesquisa, que não vai ajudar. Pra gente ter mais tempo seria necessário trabalhar um turno só, mas pra trabalhar um turno só seria necessário ganhar melhor.

Pesquisadora: Política?

P2: Então, aí a gente vai chegar num assunto que não é viável pro momento da sua pesquisa. Mas você pode mencionar que o grande problema nosso é falta de tempo pra preparar melhor essas aulas. Nós não temos como chegar, no dia a dia e trabalhar com o computador, com a internet, com o data-show, sem essa preparação.

Pesquisadora: Professora, agradeço muito a senhora ter respondido às minhas perguntas e tomara que a gente consiga mudar isso futuramente.

Risos

P2: Exatamente, é o que a gente tá lutando.

Pesquisadora: Obrigada.

P2: por nada.

³ Maria é também professora da escola e estava presente no local da entrevista. Esse nome é fictício

PROFESSORA P3. Entrevista realizada no dia 19/05/2010 às 11:00hs. Duração: 05:59.

Pesquisadora: Olá professora, bom dia! Primeiro gostaria de agradecer a oportunidade e vou agora fazendo as perguntas e a senhora fique a vontade para respondê-las. Há quanto tempo a senhora leciona nesta escola?

P3: 17 anos.

Pesquisadora: A senhora se formou aqui mesmo em Uberlândia?

P3: Na UFU.

Pesquisadora: A senhora se lembra, na época da graduação, se tinha alguma disciplina que incentivava o uso dessas novas tecnologias na escola ou nenhuma?

P3: Nenhuma. Nem como lidar com o aluno mesmo na sala de aula, nada. Só teoria, teoria, teoria. Só no didático mesmo, no pedagógico mesmo a gente era instruído. Mais nada. Inclusive as práticas nossas eram horrorosas, porque nós éramos inseridos dentro de uma sala de aula, numa escola que a gente nunca tinha ido. Tinha que participar no mínimo 30 dias naquela sala de aula e depois, ainda dar aula tendo a diretora, a professora da faculdade, mais a professora da sala, pra tá te avaliando. Dizendo que a nossa professora da prática não sabia se a sala era boa ou não, se os alunos estavam naquele dia numa boa disciplina ou não, porque as vezes, era uma sala capetosa, a gente não conseguia uma disciplina, a gente ficava desvalorizado né, e éramos avaliados dessa forma. Inclusive na minha época, a gente tinha que fazer português e outra língua, inclusive tínhamos que fazer prática de português, literatura e do inglês ou do francês, e no 1º e 2º grau. Então era uma coisa muito chata, cansativa, improdutiva, que eu quando me formei por causa dessas práticas eu falei: eu nunca mais dou uma aula na frente de ninguém, entendeu? Tanto que eu tirei da minha cabeça ESEBA, por exemplo. Minhas colegas logo que formando, ah vamos fazer, eu falei nunca mais vou dar aula na frente de ninguém. Porque foi muito exaustivo.

Pesquisadora: E hoje, nesta instituição a senhora tem a oportunidade de utilizar alguma tecnologia: televisão, vídeo ou...?

P3: Oportunidade a gente até teria, porém a realidade hoje do aluno tá muito difícil. Primeiro, que nós estamos sendo babá e mãe dos alunos, agora pior que as mães é que a gente não pode corrigir, né? Então, infelizmente, até o ano passado, que a vida inteira eu trabalhei com o noturno, 17 anos trabalhando com o noturno, agora que eu passei para de manhã, não gosto também.

Pesquisadora: Não?

P3: Não. Eu acho os alunos mais dispersivos, menos interessados. A realidade é pior do que eu pensava. Então os meninos vêm à escola menos pra buscar aprendizado. E a gente tá aqui sendo avaliados pelos resultados desses alunos. Então não são alunos estão sem inteligência, são alunos que não querem aprender, que é muito pior. Que quando o aluno tem dificuldade de aprendizado, mas tem vontade, ele caminha. Agora quando ele não quer aprender, nem se você jogar morro abaixo ele não vai, porque ele vai ficar lá pregado, entendeu? Então nós, se você for lá na Secretaria de saúde, você vai ver o tanto de professor que tá afastado por causa de depressão, porque você é cobrado pra ensinar, só que a única coisa que você não faz. Se você fica na paranóia que se tem que dá aquilo, que tem que dá aquilo, você vai sair de licença. Porque primeiro você tem que por aluno sentado, você tem que tirar aluno isguelando o outro, se tá entendendo. Ah, se tá doida. Não tô doida. Alunos não têm mais respeito algum com professor, antigamente se falava que a gente precisava ter jogo de cintura, hoje nem isso mais. Eu tô achando que pra certos alunos tinha que ter era uma escola militar, mas aquela assim, daquela da época da Ditadura. Abriu a boca, vai lavar três, cinco banheiros, depois você volta, sabe. Porque tá difícil. Eu acho que assim, tinha que ser uma coisa muito rígida. Infelizmente tá desse nível. E não são só os grandões não, a violência já está desde os pequenos. Eles já passam batendo um no outro sabe? É uma coisa que eu fico besta de ver. Agora eu tava numa sala de 6º ano, são meninos de 5ª série,

pequenos, três fora da sala, escondido na escola porque tava matando aula. Aí chega lá ta rindo, criança dessa idade.

Pesquisadora: E assim, na sala que a senhora informou que existe na escola, vocês contam com um profissional para auxiliar? Ele vem à escola?

P3: Tem. Tem um profissional que auxilia com o DVD e que auxilia lá com a informática.

Pesquisadora: E ele vem constantemente na escola ou você tem que marcar, pedir para que ele venha?

P3: Não, ele está à disposição da gente.

Pesquisadora: Bom, então professora, muito obrigada pela oportunidade.

P3: Por nada.